

A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NA PERSPECTIVA DE ARTISTAS CIRCENCES

Micheli Carla Bortolotti*
Itamara Scariot Brutscher**
Ângela Maria Bavaresco***

Resumo

O circo vive em constante mudança; nessa sua constante mobilidade vários contatos, laços e comunicações são criados. Diante disso, no presente estudo se abordaram questões referentes a artistas circenses, face à sua mobilidade e itinerância, analisando suas relações sociais. Não podemos esquecer que esses artistas têm sentimentos; porém sua vida foge de um contexto que se julga normal, em razão do tempo que ficam em cada município. Dessa maneira, dirige-se uma visão a esses indivíduos, que participam da sociedade e também a constituem. Utilizando para tal o método qualitativo, seguindo o modelo de análise de conteúdo de Bardin (2000), constatou-se que, independente do modo de vida, da cultura, dos costumes e do local onde se está inserido, as relações sociais se manifestam, se constroem e desconstroem, como um processo natural da vida humana, e que artistas circenses, de um modo geral, são pessoas com facilidade de comunicação. Existem, sim, barreiras na construção desses relacionamentos, o preconceito, a aceitação e a distância. Porém, a vida nômade aliada às tecnologias, aos diferentes meios de comunicação, gera amizades e relações concretas e de longo prazo. Fica claro que as construções das relações sociais se sobrepõem a certas limitações, e que o ser humano é sociável, capaz de criar maneiras e ser flexível na formação e no estabelecimento de seus relacionamentos.

Palavras-chave: Circo. Artista circense. Relações sociais.

1 INTRODUÇÃO

No presente estudo se abordaram questões referentes a artistas circenses, face à mobilidade e itinerância desses profissionais e demais trabalhadores do circo, analisando as várias facetas inerentes a eles e a seus familiares. Este tema pode ser tratado a partir de várias perspectivas tendo como finalidade inúmeras áreas do conhecimento, como a sociologia, a psicologia, a antropologia, entre outras. Em particular, nas, assim chamadas, questões sociais e suas várias imbricações, bem como em temas associados ao valor puramente imaterial desses artistas.

O circo vive em constante mudança, um povo nômade, que busca se estabelecer em determinados locais, gerando renda com suas apresentações artísticas, em que a figura central é o palhaço. Nessa sua constante mobilidade vários contatos, laços e comunicações são criados, mas, ao mesmo, tempo não são consistentes, afinal o tempo de estadia não permite isso. Por isso se discute, aqui, como se formam e se mantêm as relações sociais dos artistas circenses. Um olhar a esse importante patrimônio cultural, o circo, e o que nele há de mais valioso: os artistas circenses.

Essa discussão envolveu a vida nômade e a situação itinerante que essas pessoas vivem. Vivemos em uma sociedade que não concede o devido valor à arte circense; esquecemo-nos que esse povo possui importante papel na sociedade, fazendo parte dela como cidadãos.

Para a psicologia surge a ambição de saber como acontecem as relações sociais dos artistas circenses, que fazem parte de uma pequena parcela da população. Não podemos esquecer que esses artistas têm sentimentos; porém sua vida foge de um contexto que se julga normal, em razão do tempo que ficam em cada município. Dessa maneira se dirige uma visão a esses indivíduos, que participam da sociedade e também a constituem.

* Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; Psicóloga; michelibortolotti@hotmail.com

** Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; Psicóloga; itamara_mha@hotmail.com

*** Mestre em Ciências da Saúde Humana; professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de São Miguel do Oeste; angela.bavaresco@unoesc.edu.br

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 HISTÓRIA DO CIRCO

Rosa (2010) destaca que, na trajetória histórica, referências sobre o circo foram encontradas em manuscritos antigos há mais de cinco mil anos na China. Era uma forma de diversão, entretenimento e de apresentar as suas agilidades corporais como arte marcial. Com o passar do tempo, a essas qualidades somaram-se graça e leveza e foram sendo aperfeiçoadas para a apresentação a visitantes do Império Chinês.

Na Grécia, de acordo com estudos de Rosa (2010), os conquistadores gregos, em sua busca de manifestação de força, participavam de exhibições de malabarismos com objetos de grande porte e pesados. Rodriguez (2007) complementa citando que as exhibições com animais no circo remontam da Grécia Antiga. Os chefes dos exércitos traziam animais exóticos como prova de suas bravuras e testemunho das distâncias percorridas e das terras conquistadas.

Os espetáculos de circo romanos aconteciam em uma arena para milhares de pessoas, em festas públicas. A aceitação popular dos espetáculos despertou a atenção dos políticos em Roma, o que levou o imperador César a usá-los como marketing pessoal. Foram os romanos com seus espetáculos públicos que deram origem ao nome circo (RODRIGUEZ, 2007).

Rodriguez (2007) salienta que a partir disso dando um salto à Idade Média, surgiram os espetáculos aos quais hoje atribuímos o nome “circenses”. A relação entre os saltimbancos e as famílias de artistas circenses motivou novos espetáculos e possibilitou a instalação de novas companhias, o aprimoramento de artes e a aquisição de novos elementos acrobáticos.

De acordo com Rosa (2010), atribui-se a criação do circo moderno a um militar da Cavalaria Britânica, Philip Astley, pelas inovações no picadeiro com vários tipos de representações. O próprio Astley dirigia e apresentava seus espetáculos, criando, assim, a figura do mestre de cerimônias. Suas apresentações na França foram para o Rei Luiz XV (1774) e a Rainha Maria Antonieta (1783). O espetáculo circense, nesse tempo, era destinado aos aristocratas e à burguesia. Astley passou a organizar espetáculos por meio de companhias que viajavam ao redor do mundo, encantando as pessoas com os seus trabalhos artísticos.

São referidos os primeiros circos no Brasil a partir do século XVIII. Eram artistas ambulantes que frequentavam as festas religiosas. Também se fala dos ciganos instalados nos arredores das cidades brasileiras (RODRIGUEZ, 2007). Rosa (2010) contribui ressaltando que as famílias que se dedicaram às atividades circenses no Brasil envolveram seus descendentes na realização da montagem dos espetáculos. As crianças eram iniciadas na prática das atividades circenses com pequenos números, sendo preservada, assim, a transmissão do saber circense.

Segundo a tradição circense, Rodriguez (2007) salienta que o primeiro circo a chegar ao Brasil foi o Circo Bragassi, por volta de 1830. No entanto, já existiam em solo brasileiro pequenos grupos que improvisavam números artísticos arrancando risos de populares.

O circo com picadeiro, então, nasce na Idade Moderna, mas, segundo Rodriguez (2007), a literatura não apresenta maior precisão sobre a época de sua origem. Antes de ele se constituir, de haver espetáculos sob uma lona, mais ou menos padronizados, por um grupo comunitário e itinerante, existiam artistas de rua, como saltimbancos, contorcionistas, saltadores, malabaristas, os quais se reuniam e formavam uma trupe.

2.2 RELAÇÕES SOCIAIS

A teoria da psicologia social nasceu e cresceu sob a égide de interrogações radicais, que repõem contradições e dilemas que ainda hoje precisamos responder. Talvez a principal dessas contradições seja a relação indivíduo-sociedade e como essa relação se constrói. Compreensão demasiada individualizante, psicologicista nos seus parâmetros de compreensão da subjetividade; por outro lado, muitas vezes, as tentativas de introduzir conceitos sociológicos à psicologia social sucumbiram à tentação maniqueísta do inverso, ficávamos no indivíduo fechado no âmbito de um eu abstraído do mundo que o constitui ou tratávamos a sociedade e a história como abstração. Uma sociedade sem sujeitos ou sujeitos sem uma história social são parte de problemas que todos nós conhecemos muito bem, e recuperar essa conexão é uma das tarefas cruciais que temos pela frente (GUARESCHI, 2003).

O “social” tem sido uma categoria problemática em psicologia social, pois é apenas uma variável influenciando fenômenos, “tapando os furos” de tradições individualizantes; o social, geralmente, tem sido as condições concretas da vida, que envolvem desde relações sociais de produção até mecanismos institucionais de várias ordens. Os significados que a vida social assume na sua dimensão pública, no espaço em que uns se encontram com outros, seja de forma direta, como nas ruas, nas praças, nos rituais coletivos, etc., seja por meio de mediações institucionais (GUARESCHI, 2003).

Para Ferreira (2010), as representações sociais englobam um conjunto de conceitos, imagens e explicações que se originam do senso comum, no contexto das interações e comunicações interpessoais. Nesse sentido, elas vão se modificando à medida que novos significados vão sendo acrescentados à realidade. A função das representações sociais é dar sentido ao desconhecido, transformando o não familiar em algo familiar. Para tanto, apoia-se nos processos de ancoragem e objetivação. O primeiro se ocupa de inserir o fenômeno não familiar em uma rede de categorias e imagens familiares, de modo que ele possa ser interpretado, enquanto o segundo tem por objetivo transformar o que é abstrato em algo concreto e que pode ser, assim, tocado.

3 MÉTODO

Este trabalho seguiu uma abordagem qualitativa. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas. Participaram dela, seis jovens adultos artistas de circos que foram localizados na região Extremo-Oeste catarinense. Foi entrado em contato com o proprietário e explicado do que se tratava a pesquisa. Após a aceitação da participação, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para resguardar suas identidades, foram nomeados como A1, A2 e assim sucessivamente.

Os dados obtidos foram submetidos à análise de conteúdo segundo o método de Bardin (1977), o qual se define como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, em que se visa obter por procedimentos descritivos uma interpretação além das informações e dos significados contidos no conteúdo das mensagens.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para analisar os resultados, optou-se por dividir em três categorias, os dados que surgiram: construção das relações sociais diante da vida nômade; contribuição das atividades circenses na formação das relações sociais; duração e fixação das relações sociais construídas fora do mundo circense.

4.1 CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS DIANTE DA VIDA NÔMADE

Ferreira (2010) destaca que o sujeito se constitui nas relações sociais, sendo compreendido como indivíduo concreto, mediado pelo social, indivíduo determinado histórica e socialmente, jamais podendo ser compreendido independentemente de suas relações e vínculos. Quando falamos em circo, não podemos deixar de definir cultura. A melhor definição de cultura, segundo Guareschi (2008), é: cultura é tudo o que o homem faz. Para poder sobreviver e se relacionar com o mundo exterior, o homem cria uma espécie de muro ao seu redor, que lhe facilita o relacionamento com o mundo. Assim, cultura é a maneira de falar (língua), a maneira de vestir, de morar, de comer, de trabalhar, de rezar, de se comunicar, etc.

E é nesse contexto da variação da cultura, de costumes, crenças e comportamentos diferentes que se iniciam as relações sociais dos artistas circenses; fica evidente que a grande porta de entrada para qualquer relacionamento é a curiosidade da população. “[...] tu chega na cidade o pessoal já vem olha, pergunta do circo isso e aquilo daí a gente já se enturma, né, começa se apresentar e tal, fazer amizade.” (A1). “[...] vem cumprimentar depois do espetáculo que gostaram da nossa apresentação, vem dar os parabéns, daí já começa a perguntar uma coisa ou outra, daí a gente convida pra vir durante o dia para conversar bater um papo.” (A4). “[...] no final tu quer bater foto, acaba conversando, por que tem a curiosidade, acaba ficando e assim vai [...]” (A6) (informações verbais).

Assim, com as falas acima, fica claro o que Rosa (2010) nos diz, que o circense é circense no momento de sua performance no picadeiro e continua sendo no seu cotidiano, inclusive no seu dia de “folga”, para os “de fora da lona”.

É importante ressaltar que a maioria dos artistas quando questionados se têm facilidade de construir relações sociais afirmam que a possuem, transparecendo uma normalidade na ocorrência dessas construções, no sentido de estas ocorrerem, e simplesmente acontecerem, sem esforços ou planejamentos:

- [...] Se é fácil ou difícil não sei, só sei que acontece da gente fazer amizade.” (A1).
- [...] eu faço amizade eu vou pra festa com a galera, faço amizade muito fácil. (A3)
- [...] por parte da gente a gente sempre está aberto para conversar [...] (A5).
- Eu faço patrocínio, já converso tenho facilidade de fazer bastante amizades. (A6). (informações verbais).

Nesse mesmo contexto surgiu também a questão do preconceito por parte das pessoas. Em muitas cidades nas quais os artistas circenses chegam, ele se faz presente. Percebe-se, de acordo com suas falas, que, ao mesmo tempo que as relações se constroem, estas dependem muito da cidade e da aceitação, bem como da receptividade da população: “Tem cidades que recebem a gente muito bem, tem cidades que a gente chega e não é tão bem recebido sabe [...]” (A3). “[...] há lugares que já o público recebe a gente mais frio, porque muita gente tem aquela imagem pessoal de circo, são ciganos, aí vai por cada família que tem preconceito.” (A4) “[...] às vezes você chega em cidades que as pessoas são mais fechadas, não são abertos pra conversar, dialogar, mas normalmente sim.” (A5). (informações verbais).

Ramos (2003) lembra que a sociedade estabeleceu padrões de conduta mais ou menos definidos para cada situação social. Esses padrões não são absolutos, e existe, em regra, uma grande amplitude ao redor do que se poderia chamar de norma. Para ter a aprovação social, a conduta do indivíduo deve estar compreendida nesse âmbito. Se ele não se sujeita a tais padrões de conduta é, portanto, desajustado. Assim, a receptividade e o preconceito variam de cultura para cultura, percebendo-se o choque de culturas, nas quais, muitas vezes, uma delas se torna mais fechada, não aceitando certas condutas, no caso, a dos artistas circenses.

Quando falamos em construção de relações sociais, não podemos deixar de falar nos relacionamentos afetivos. É comum acontecer envolvimento entre artista e público, no entanto, geralmente, são relacionamentos superficiais, de curta duração, mas quando se fala em casamentos é muito difícil pessoas integrantes do circo deixarem suas atividades, sendo mais comum pessoas de fora entrarem para a vida circense:

- [...] não tem tempo para namorar, é só lance rápido, mas se acontecesse ela tinha que vim comigo ela tinha que fazer uma escolha. (A1).
- [...] ela (artista circense) é de cidade e casou com o rapaz de circo, e acompanha o circo, como muitos rapazes vêm atrás das moças do circo e se casam e ficam no circo, porque, geralmente, aquele que nasceu em circo não quer sair do circo [...] (A4). (informações verbais).

Dessa maneira, fica evidente a fala de Rodriguez (2007) sobre os circenses, geralmente, fazerem parte de uma família que formou um circo. São filhos de circenses ou agregaram-se à família circense por casamentos e uniões. Mesmo os referidos circos tradicionais agregam pessoas “de fora” que queiram trabalhar e morar no circo, “fugir com o circo”; poucos saem do circo.

Portanto, mesmo no mundo circense as relações se constroem independentemente do nomadismo, afinal de contas o ser humano é um ser social, que é, de certa forma, impossibilitado de viver sem se relacionar. Então, uma relação pode ser de inúmeros tipos. A única coisa que ela, de fato, exige é que haja vários elementos presentes, como já vimos anteriormente. Relação nunca implica somente uma entidade, pois sempre implica outros, e o que não falta no circo são outros, afinal de contas este apenas se faz e existe com uma plateia, que, mesmo involuntariamente e sem perceber, relaciona-se com os artistas, e estes, com o público.

4.2 CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES CIRCENSES NA FORMAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

O lugar social consiste na posição simbólica assumida pelo sujeito no grupo, a qual, por um lado, baseia-se em fatores históricos e culturais pré-determinados, por outro, está continuamente sendo reconstruída pelos sujeitos em

relação. Assim, o significado de lugar social remete tanto à sua história quanto aos novos sentidos que os sujeitos, em relação a esse lugar, imprimem (FERREIRA, 2010).

Essa citação esclarece o fato da grande importância dada às funções e atividades circenses na construção das relações sociais. Quando questionados sobre a influência destas sobre os relacionamentos sociais, foram unânimes as respostas, as quais todas confirmam que a posição, a função e o ser artista circense, bem como sua construção histórica enquanto artista do circo influenciam e contribuem na construção dos relacionamentos: “Rola algumas brincadeiras fora do trabalho, né, tu é isso, é aquilo, tu quase caiu do trapézio, rola uma brincadeira; ajuda.” (A1). “Bastante, porque eu faço palhaço também, por eu ser extrovertida, não te vergonha, isso me ajuda bastante fora a ter comunicação com as pessoas, uma coisa puxa a outra.” (A3). “[...] uma coisa leva a outra. Normalmente, na rua, você vai jantar ou almoçar num restaurante, o garçom do restaurante diz que te viu no circo, aí começa dialogar.” (A5) (informações verbais).

Fica evidente que muito dessa influência está intimamente relacionada à curiosidade, ao diferente. Sabe-se que os artistas circenses não se encaixam no padrão de vida social, em que costumes, cultura e muitos comportamentos diferem da vida sedentária da população dos locais por onde os circos passam. “[...] rola uma brincadeira, uma pergunta do que tu faz no circo [...] como que é e tals [...] (A1). “[...] aquele de fora quer conhecer o trapezista, eu gostaria de ser uma bailarina do circo, isso ajuda muito.” (A5) (informações verbais).

Aqui também outro conceito que Ramos (2003) cria, o do *out-group* que se apresenta como “não nos pertencendo”. A família que passa nas ruas não é de “nossa classe”; as pessoas que não moram no “nosso” bairro têm gostos diferentes dos nossos. E é nessa ideia que se pode encaixar a curiosidade anteriormente mencionada, em que a especulação entra, sim, como uma forma de se relacionar, e mesmo como um estímulo para que o contato ocorra, no entanto, acima disso, está o diferente, o estranho que causa a curiosidade e a iniciação do contato.

4.3 DURAÇÃO E FIXAÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS CONSTRUÍDAS FORA DO MUNDO CIRCENSE

Quando pensamos em artistas circenses a dificuldade de se comunicar face a face com as pessoas com as quais se criou vínculos é ainda maior, em razão da existência nômade que caracteriza a vida dos artistas de circo. É nesse contexto que surge, não apenas no mundo circense, mas em toda a humanidade, um alargamento da conversa. E surgiram a correspondência, o jornal, o livro, o telefone, o rádio e os mais modernos meios de comunicação e interlocução, os quais também são adquiridos pelos circos.

Portanto, ao falar de relações não face a face surge a ideia de outro tipo de espaço, o espaço virtual, que é classificado e descrito por Campos (1996) como um continente “virtualmente” infinito, o que se convencionou chamar de ciberespaço, sendo empregado para indicar o ambiente virtual. Por meio das conversas, ficou evidente a utilização do mundo virtual e das mais diversas tecnologias de comunicação para a construção e fixação das relações sociais dos artistas circenses, os quais se equipam para viver de forma que possam, também, acompanhar a evolução tecnológica do mundo.

Com redes sociais, telefone, umas pessoas ligam perguntam onde está, que vai vir no circo, coisa e tal, facebook, MSN, Orkut [...] (A1).

Pela internet, alguns pelo celular, mas a maioria pelo facebook e MSN. (A3).

[...] temos muitos amigos, inclusive aqui no Brasil temos muitos amigos que comunicamos via internet, telefone, além daqueles que nos visitam. (A5). (informações verbais).

Segundo Spizzirri (2008), a tecnologia da informação difundiu-se, e a capacidade de se comunicar/relacionar virtualmente com todo o Planeta foi a grande descoberta compartilhada no mundo. A multiplicidade de recursos tecnológicos ampliou as alternativas de sociabilidade.

Construímos nossas relações sociais, e estas podem ser duradouras ou não, assim como amizades se constroem e se desfazem, inúmeros outros relacionamentos também podem passar pelo mesmo processo. Na vida nômade, muda a forma de comunicar-se, o tempo que as pessoas passam sem se ver e, claro, o contato físico, afinal de contas os

artistas circenses passam, muitas vezes, anos sem retornar a um local. No entanto, a fixação e a duração, bem como o nascimento das relações, ocorre da mesma maneira que as pessoas com residências fixas, afinal de contas, relações são antes de tudo afinidade e comunicação, em que a forma não está acima do conteúdo e do laço construído entre as pessoas que partilham uma relação. Muito dessa questão fica claro nas falas: “Depende dos amigos; eu tenho amigos que fazem cinco, seis anos que eu não vejo e converso todo dia. Tem alguns que esquecem, ou eu esqueço, ou é só um “oi”, que não teve aquela afinidade. Tem amigos que são como irmão, eu choro quando vou embora da cidade. (A3). “Tudo depende da amizade que você cria com aquela pessoa, no caso [...] (A5)(informações verbais).

Cabe ressaltar que a duração e fixação ocorrem de modo comum, ou seja, os artistas se comunicam com seus amigos, fazem combinações e visitam-se quando possível, sendo essas relações vivências normais, em que mais uma vez se comprova que o ser humano é um ser social, e que, independente de cultura e costumes, as relações sociais se sobrepõem. Fica evidente a necessidade desses relacionamentos: “Vão atrás de nós para visitar, ficam o final de semana com a gente. Nós de circo somos muito festeiros gostamos de fazer jantares, receber os amigos.” (A4). “[...] temos amigos no Rio Grande, Paraná, São Paulo; em vários estados temos amigos.” (A5, informações verbais).

E é assim que as relações sociais do mundo circense acontecem, e sua duração e fixação não diferem de outros indivíduos. Portanto, o básico de qualquer relacionamento existe também na vida dos artistas e nas suas afinidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando e compreendendo conceitos de relações sociais, entende-se que o ser humano se desenvolve em sociedade, dentro de uma determinada cultura e, de forma natural, desenvolve-se e relaciona-se construindo laços de amizades, de afetos, conflitos, desavenças e as mais diversas formas de relacionamentos. Por meio deste estudo, analisando e verificando a construção das relações sociais dos artistas circenses, percebe-se que, independente do modo de vida, da cultura, dos costumes e do local onde se está inserido, as relações sociais se manifestam, se constroem e desconstroem como um processo natural da vida humana.

Por meio dessa concepção inicial, conclui-se que os indivíduos do mundo circense, de um modo geral, são pessoas com facilidade de relacionamentos, e por meio da diferença, da sua cultura, do ser artista, as relações se constroem mediante a curiosidade, do diferente. O artista circense é sempre artista, independente de estar fora da lona ou dentro, ser do circo, ser artista, ser diferente faz parte da sua identidade, e isto funciona como uma alavanca nos contatos sociais.

Percebe-se que, muitas vezes, as relações sociais são barradas pelo preconceito das pessoas, e este varia de local para local, assim como a receptividade do público também é algo variável. Dessa maneira, surge novamente o fator cultural. Sabemos que estamos inseridos num contexto, e este engloba conceitos, costumes, maneiras, etc., tudo diretamente relacionado ao contexto histórico do local. E todos esses fatores que constroem a sociedade de um determinado local interferem ou promovem as relações sociais.

Quando se fala em duração e fixação das relações sociais parece difícil manter um relacionamento duradouro quando se leva uma vida nômade. No entanto, esta pesquisa nos revela que a vida nômade aliada às tecnologias, aos diferentes meios de comunicação geram amizades e relações concretas e de longo prazo. A multiplicidade de recursos tecnológicos ampliou também para os circos as alternativas de sociabilidade e comunicação. Portanto, fica claro que as construções das relações sociais se sobrepõem a certas limitações, e que o ser humano é um ser social, capaz de criar maneiras e ser flexível na formação e no estabelecimento de seus relacionamentos.

Buscou-se, também, desmistificar a vida circense e, assim, fazer com que todos os artistas se sintam valorizados ao saber que a sociedade lhes dirige um olhar. Considerando que o circo somente acontece pela paixão e dedicação de pessoas que pensam não somente em viver e sobreviver de uma forma diferente, mas levar alegria e diversão para a plateia que vem lhes prestigiar. Este trabalho é encerrado com a intenção e esperança que novos estudos sejam realizados na área e com uma frase dita por um dos artistas entrevistados, que expressa um pouco da maravilha que é o mundo circense:

Nos dias de hoje, onde se fala em TV, DVD e internet, não existe nada mais saudável do que assistir ao um espetáculo com amor e dedicação. No picadeiro cada um faz a sua parte, cabe ao palhaço fazer a todos sorrir, ao trapezista arrancar suspiro do público, enfim, falar em circo é falar de amor e dedicação. (A3, informação verbal).

Construction of social relations on an artists perspective circences*Abstract*

The circus lives in constant change, that their constant mobility multiple contacts, links and communications are created. In view of this, this study addressed issues relating to circus performers, face mobility and roaming of circus professionals, analyzing the various facets inherent in the circus artist and his family, how they form and maintain social relationships. We must remember that these artists have feelings, but your life runs away from a context that is deemed normal due to the time that are in each municipality. In this way goes a vision to those individuals involved and also make up our society. Using for this the qualitative method, following the model of Bardin content analysis (2000). It was found that regardless of the way of life, culture, customs and the place where it is inserted, the social relations are manifested, construct and deconstruct, as a natural process of human life, circus performers, in general are people with ease of communication. Yes there are barriers in building these relationships, prejudice, acceptance and the distance. But the nomadic life combined with the technologies, the different media create friendships and concrete, long-term relationships. It is clear that the construction of social relations overlap to certain limitations, and that the human being is a social being, able to create ways and be flexible in training and establishing their relationships.

Keywords: Circus. Circus artist. Social relations.

Nota explicativa:

¹ Artigo apresentado ao Curso de Psicologia da Área das Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste como requisito parcial para a obtenção da graduação em Psicologia.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CAMPOS, Regina Helena (Org.). **Psicologia social comunitária da solidariedade à autonomia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

FERREIRA, Maria Cristina. A psicologia social contemporânea: principais tendências e perspectivas nacionais e internacionais. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 26, n. especial, p. 51-64, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a05v26ns.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Sociologia crítica: alternativas de mudança**. 61. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

GUARESCHI, Pedrinho. Textos em representações sociais. In: JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RAMOS, Arthur. **Introdução à Psicologia Social**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, Florianópolis: Ed. UFSC, Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2003.

RODRIGUEZ, Luiz Henrique. **Representação das atividades circenses na escola**. 2007. 37 p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)–Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1266>. Acesso em: 10 maio 2012.

ROSA, Cíntia Mariano da. **Corpo espetáculo circense, uma prática tradicional para o lazer popular**. 2010. 37 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24917/000750301.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 maio 2012.

SPIZZIRRI, Rosane Cristina Pereira. **O uso da internet na adolescência: Aspectos relativos às relações familiares na pós-modernidade**. 2008. 70 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1975>. Acesso em: 15 set. 2012.

